

# Sociedades, culturas e relação com a natureza.



**Antônio Ruas:**  
**Professor Universitário**  
**– UERGS, Gestão**  
**Ambiental**

**Questões e exercícios**



# 1. Pgs. 07-20. O que é etnocentrismo e qual a relação entre a cultura do “eu” e do “outro”?

Em primeiro lugar, não é necessário ser nenhum detetive ou especialista em Antropologia Social (ou ainda pastor) para perceber que, neste choque de culturas, os personagens de cada uma delas fizeram, obviamente, a mesma coisa. Privilegiaram ambos as funções estéticas, ornamentais, decorativas de objetos que, na cultura do “outro”, desempenhavam funções que seriam principalmente técnicas. Para o pastor, o uso inusitado do seu relógio causou tanto espanto quanto o que causaria ao jovem índio conhecer o uso que o pastor deu a seu arco e flecha. Cada um “traduziu” nos termos de sua própria cultura o significado dos objetos cujo sentido original foi forjado na cultura do “outro”. O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do “outro” nos termos da cultura do grupo do “eu”.

Em segundo lugar, esta estória representa o que se poderia chamar, se isso fosse possível, de um etnocentrismo “cordial”, já que ambos – o índio e o pastor – tiveram atitudes concretas sem maiores conseqüências. No mais das vezes, o etnocentrismo implica uma apreensão do “outro” que se reveste de uma forma bastante violenta. Como já vimos, pode colocá-lo como “primitivo”, como “algo a ser destruído”, como “atraso ao desenvolvimento”, (fórmula, aliás, muito comum e de uso geral no etnocídio, na matança dos índios).

## 2. Pg. 20. Porque relativizar é contrapor o etnocentrismo?

Mas, existem idéias que se contrapõem ao etnocentrismo. Uma das mais importantes é a de relativização. Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o “outro” nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.



### 3. Pgs 26-27. Como o evolucionismo antropológico está ligado ao evolucionismo biológico?

Vamos procurar ver as principais formas pelas quais a Antropologia pensou a diferença ao longo de sua imensa literatura e da amplitude de seus estudos e reflexões. Do palco do encontro inicial no século XVI fica marcada a idéia de uma forte perplexidade. E é esta perplexidade que vai, pouco a pouco, cedendo lugar a novos conjuntos de idéias, sempre mais matizados, procurando compreender as diferenças que, a cada vez, vão assumindo novas formas.

O primeiro destes pensamentos, ocorridos na Antropologia e que procuram explicar a diferença, é conhecido como Evolucionismo.

A noção de evolução é um marco fundamental para o pensamento antropológico. Vai aparecer como idéia básica para toda uma grande fase da teoria antropológica e, na história dos saberes sobre o ser humano, tem um lugar de destaque, quase que como uma âncora, para os trabalhos e estudos que procuravam fazer da Antropologia uma ciência. Assim, a diferença que se travestia em espanto e perplexidade, nos séculos XV e XVI, encontra, nos séculos XVIII e XIX, uma nova explicação: o outro é diferente porque possui diferente grau de evolução.



## 4. Pg. 30. Como a definição de cultura de Tylor reforçava o etnocentrismo e o evolucionismo antropológico?

Faz-se, então, fundamental a criação de algo que fizesse as vezes de critério, tendo aceitação, lógica e possibilidade para o estudo comparativo. Acredito que a solução está no próprio conceito de cultura adotado pelos evolucionistas. Este conceito é, talvez, o mais famoso da Antropologia e, dentre mais de cento e cinquenta definições da cultura que a disciplina produziu, pode-se dizer que é, no mínimo, um clássico. Ele aparece no livro *A Origem das Culturas* de Sir Edward Tylor que, logo na primeira página, diz o seguinte:

“Cultura ou civilização, no seu sentido etnográfico estrito, é este todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.



## 5. Pgs. 32-35. Como um expoente do evolucionismo cultural Lewis Morgan dividia as sociedades? Porque o autor considera que o evolucionismo cultural era um avanço com relação às concepções dos séculos anteriores ao XIX?

A contribuição de um dos antropólogos mais famosos da época – Lewis Morgan – foi exatamente calcular as sociedades segundo seu grau de evolução.

Estudando invenções, descobertas e instituições ele procurou ordenar os estádios evolutivos em períodos que caracterizam as fases passadas pelas culturas humanas. Para Morgan, a “acumulação do saber” e o progresso das “faculdades mentais e morais dos homens” vão marcando as mudanças de estádios no caminho da evolução.

Avaliando itens culturais tais como: “governo”, “meios de subsistência”, “arquitetura”, “religião”, “propriedade”, “família”, etc., divide os cem mil anos de história humana em três períodos básicos – selvageria, barbárie e civilização. Não é preciso dizer que a sociedade dele mesmo ocupava exemplarmente o lugar destinado à mais alta civilização.





## 6. Pgs. 37-52. Correntes relativistas. 6.1. Qual a importância das novas concepções de Franz Boas para o relativismo cultural e o fim do evolucionismo? 6.2. Porque a escola de Boas ficou conhecida como difusionismo? 6.3. Quais os seus seguidores e suas correntes?

Com Boas, suas idéias e seus alunos, a Antropologia se transforma substancialmente. Nesta transformação, que relativiza as já bem estabelecidas noções evolucionistas, as idéias de cultura e história também se modificam. Como vimos, a articulação destas idéias era um dos eixos da forma de pensar o “outro” dentro do evolucionismo.

O grande passo que parece estar vinculado ao trabalho de Boas é o de iniciar uma reflexão que veio a relativizar o conceito de cultura. Num programa onde o evolucionismo tomava a cultura ocidental, do “eu”, como absoluta e, a partir de seus padrões, organizava toda uma classificação das culturas do “outro”, Franz Boas criou a sua revolução.

Foi ele o primeiro a perceber a importância de estudar as culturas humanas nos seus particulares. Cada grupo produzia, a partir de suas condições históricas, climáticas, lingüísticas, etc., uma determinada cultura que se caracterizava, então, por ser única, específica. Este relativismo cultural, essa pluralidade de culturas diferentes, visto por Boas é, se compararmos, uma ruptura importante do centramento, da absolutização da cultura do “eu”, no pensamento evolucionista. É claro, o resultado disso só podia ser um: tudo passa a ser infinitamente mais complicado no estudo das culturas humanas.

## 7. Pg. 53. O que foi a escola baseada em Boas que analisava cultura e ambiente e qual o autor que é mencionado?

Um terceiro e também importante grupo de alunos de Boas partiu para relacionar a cultura e o ambiente. Este grupo é encabeçado por um antropólogo chamado Julien Steward. Aqui fica pressuposta a noção de que o ambiente é o fator determinante que restringe as opções culturais. A cultura passa a ser como que uma resposta possível e adequada ao meio onde se estabelece. Existe uma interação onde elementos de ordem ecológica constroem, tornam-se precondição, para a ordem cultural. Os elementos culturais terão nos ecológicos, no ambiente, no meio, o seu determinante fundamental para a mudança, numa espécie de jogo de readaptações e respostas.

Nesta visão da cultura entram em cena problemas como a tecnologia empregada no meio ambiente, os modelos de comportamento e exploração de uma área ecológica e a busca de equilíbrio entre a esfera ambiental e a cultural.

A importância deste grupo é a de ter colocado questões de equilíbrio, preservação e mútua dependência entre as culturas e destas com o ambiente onde se erigem.





## 8. Pg. 56-60. Como Radcliffe-Brown discordou do difusionismo de Boas na sua forma original das concepções antropológicas na base da sincronia e não diacronia histórica? Porque isto foi importante?

Radcliffe-Brown discordou desta vinculação que existia entre a compreensão do presente de uma cultura e o estudo do seu passado. O presente não precisava ser

23

Everardo P. Guimarães Rocha – O que é etnocentrismo?

necessariamente explicado pelo passado. Em termos mais técnicos a sincronia – presente – não está submetida à diacronia – história.

Estes dois termos exigem uma melhor explicação. Se estivermos jogando uma partida de xadrez e pararmos no vigésimo movimento para analisá-la, duas seriam as visões possíveis desta partida. Se analisarmos os movimentos e sua seqüência, desde o primeiro até o vigésimo, faríamos uma análise diacrônica. Explicaríamos o estado atual da partida através dos seus movimentos progressos. Se, diferentemente, efetivássemos uma análise das forças dentro do tabuleiro, das posições das peças no vigésimo movimento, dos valores atuais dos peões, bispos, torres, etc., estaríamos analisando sincronicamente.



## 9. Pg. 69-73. Qual o legado maior de Malinowski?

E, neste contato com a “diferença”, no repto lançado pela experimentação do relativismo, no abandono dos confortos e seguranças do etnocentrismo, Malinowski foi nosso grande viajante.

Sua obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* fala sobre o arquipélago formado pelas Ilhas Trobriand e das sociedades que as habitavam. Um argonauta era um tripulante de Argo, uma nave lendária na mitologia. É, também, o nome que se dá a qualquer navegador ousado. Para Malinowski, os índios trobriandeses eram navegadores e viajantes ousados. Para a Antropologia, Malinowski foi a grande ousadia de navegar a “diferença”, viajar ao “outro”. Este é o clima que se espelha logo na introdução do seu livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*.



## 10. Pgs seguintes: nos capítulos seguintes as correntes antropológicas mencionadas.

Em 1908 muitos dos nomes citados ao longo dos capítulos anteriores estavam produzindo sua Antropologia. Claude Lévi-Strauss estava nascendo. Com ele iriam nascer, também, algumas das mais importantes obras da literatura antropológica.

Cerca de cinquenta anos depois, ao dar a aula inaugural da cátedra de Antropologia Social no Collège de France, faria uma homenagem a todos os grandes mestres, fundadores e pioneiros da disciplina. Encerrou, porém, sua palestra falando do “outro”. No caso, Lévi-Strauss homenageia os “índios dos trópicos e seus semelhantes pelo mundo afora”, que são, para ele, mercedores de muita ternura. Diz-se, ainda, devedor do que aprendeu com eles, e suas últimas palavras, nesta aula, são para lembrar que destes “outros” gostaria de ser, entre nós, “discípulo e testemunha”.

Tudo isso indica muito daquilo que venho procurando demonstrar deste longo caminho que a Antropologia percorreu no sentido da relativização. Em todos os passos dados por esta “ciência da diferença” você, leitor, pode ter observado a existência constante de uma tentativa, quase um compromisso. Trata-se de escapar ao etnocentrismo, a uma percepção do “outro” que fosse centrada no próprio “eu”. Trata-se, acredito, ao longo de todas as diversas formas de se pensar antropológicamente, de uma busca de compreensão do sentido positivo da diferença. Acho que a Antropologia sempre soube, mesmo em seus momentos mais distantes, que conhecer a diferença, não como ameaça a ser destruída, mas como alternativa a ser preservada, seria uma grande contribuição ao patrimônio de esperanças da humanidade.

## 10. Pgs seguintes: nos capítulos seguintes as correntes antropológicas mencionadas.

Uma das idéias mais importantes nesta perspectiva foi colocada em discussão num livro chamado *A Interpretação das Culturas*, do antropólogo americano Clifford Geertz. Ele diz que a Antropologia não é uma ciência de tipo experimental que tenha como objetivo a procura de leis gerais e constantes. Ela é uma ciência interpretativa que busca apenas conhecer os significados que os seres humanos, tanto na sociedade do “eu” quanto do “outro”, dão às formas pelas quais escolheram viver suas vidas.

Leva ainda adiante esta idéia apontando que uma das finalidades da disciplina é ser uma espécie de “arquivo universal”, de “catálogo geral” das alternativas humanas de existência. Os ilhéus de Trobriand que faziam a cerimônia do Kula, estudada por Malinowski, à qual nos referimos no capítulo anterior, não existem mais. No entanto, os trobriandeses estão aí vivos, enquanto uma experiência social alternativa à nossa, pelo trabalho de Malinowski.

